



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Sara Gonçalves Figueiredo de Sousa

DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO  
MÉDIO EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRIVADA DE PALMAS – TO.

Palmas – TO

2018

Sara Gonçalves Figueiredo de Sousa

DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO  
MÉDIO EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRIVADA DE PALMAS – TO.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II  
elaborado e apresentado como requisito  
parcial para obtenção do título de bacharel  
em Psicologia pelo Centro Universitário  
Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Orientadora: Prof. Me. Lauriane dos Santos  
Moreira.

Palmas – TO

2018

Sara Gonçalves Figueiredo de Sousa

DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO  
MÉDIO EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRIVADA DE PALMAS – TO.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II  
elaborado e apresentado como requisito  
parcial para obtenção do título de bacharel  
em Psicologia pelo Centro Universitário  
Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. Me. Lauriane dos Santos  
Moreira.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Lauriane dos Santos Moreira.

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.a Dra. Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.a M.e. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2018

## RESUMO

Este trabalho busca compreender a importância de se trabalhar a diversidade sexual em conteúdos acadêmicos em séries do ensino médio. Para isso, foram apresentados alguns aspectos importantes para a análise de dados deste trabalho, são eles: o adolescente no contemporâneo; sexualidade, educação e psicologia e ensino em instituições privadas e diversidade sexual. A adolescência é marcada como uma fase de mudanças internas e externas que estão inseridas no processo biopsicossocial do ser humano. Na instituição educacional como local de formação de saberes e troca de conhecimentos, os professores estabelecem uma ligação na formação da educação básica a partir de suas reflexões e práticas dentro da sala de aula. Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar de que forma a diversidade sexual é abordada em conteúdos acadêmicos em séries do ensino médio. Por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais foi inserida a escola como um local para promover a saúde da criança e do adolescente e a introdução da diversidade sexual na forma de tema transversal. Para uma melhor compreensão de tal importância, foi utilizado o método do Grupo Focal para coleta de dados, esta coleta foi realizada com um grupo de professores do ensino médio, de uma instituição privada de Palmas – TO. O grupo ocorreu em um encontro com duração de 50 minutos e para a análise de dados foi utilizada a análise de discurso. Foi possível concluir que a discussão sobre orientação sexual no contexto escolar é relevante visto que a orientação sexual está incorporada nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), mas não é abordada de maneira direta pelos educadores, mesmo sabendo da necessidade dessa discussão, os professores não se sentem preparados para tal abordagem.

**Palavras-chave:** Sexualidade; educação; adolescência.

### **Abstract**

This work seeks to understand the importance of working with sexual diversity in academic content in high school series. For this, some important aspects for the data analysis of this work were presented, they are: the adolescent in the contemporary; sexuality, education and psychology; teaching in private institutions and sexual diversity. Adolescence is marked as a phase of internal and external changes that are inserted in the biopsychosocial process of the human being. The educational institution as a place of formation of knowledge and knowledge exchange, teachers establish a connection in the formation of basic education from their reflections and practices within the classroom. This research has as main objective to identify how sexual diversity is approached in academic contents in high school series, through the National Curricular Parameters the school was inserted as a place to promote the health of children and adolescents and the introduction of sexual diversity as a cross-cutting theme. For a better understanding of this importance, the Focal Group method was used for data collection, this collection was carried out with a group of high school teachers from a private institution of Palmas - TO, the group occurred in only one encounter with duration of 50 minutes and for the analysis of data was used to discourse analysis. It was possible to conclude that the discussion about sexual orientation in the school context is very relevant, but is not addressed directly by the educators, even knowing the necessity of this discussion, teachers do not feel prepared for such an approach.

**Keywords:** Sexuality; education; adolescence.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 ADOLESCENCIA E SEXUALIDADE NO CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>4 ENSINO EM INSTITUIÇÕES PRIVADAS E DIVERSIDADE SEXUAL.....</b>	<b>17</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
5.1 Tipo de estudo.....	21
5.2 Participantes.....	21
5.3 Local.....	21
5.4 Objeto de estudo ou população e amostra.....	21
5.5 Aspectos éticos .....	22
5.6 Critérios de inclusão e exclusão.....	22
5.6.1 Benefícios.....	22
5.6.2 Riscos.....	23
5.7 Instrumentos de coleta de dados, estratégias de aplicação, registro, análise e apresentação dos dados .....	23
5.8 Procedimento .....	24
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>26</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>43</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTs	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

## 1 INTRODUÇÃO

Através do meio social a sexualidade é marcada por normas que irão ditar o aceitável e o não aceitável, mediante os interesses dominantes de cada contexto histórico e social. Mariuzzo (2003) lembra sobre os significados relacionados a esse tema:

a sexualidade, enquanto produto humano construído sócio-historicamente, é um ponto muito delicado e estratégico para os interesses dominantes se ocuparem, pois ao criar-se crenças, dogmas religiosos, mantêm-se os indivíduos alienados de seus próprios corpos, e estes tornar-se-ão vítimas fáceis, com grande possibilidade de serem dóceis, não sendo capazes de perceberem as contradições e injustiças, existentes na sua realidade (p. 28).

Como afirma Louro (1999), a escola é uma instância social que exercita a pedagogia da sexualidade e do gênero colocando em ação várias tecnologias do governo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) vem de encontro a essas ações, assegurando o direito de todas as pessoas, sem discriminar negativamente singularidades ou características específicas de indivíduos ou grupos humanos.

O Plano Nacional de Educação (PNE), de 2001, surgiu num contexto social de considerável conservadorismo. Então, ao tratar de temas voltados a gênero e a orientação sexual, defendeu a necessidade de superar possíveis preconceitos, fomentando espaço nos debates na sociedade sobre o assunto.

A fase da adolescência é um período de transição que o ser humano passa, sendo essas mudanças um conjunto de aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Portanto, é nessa etapa o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, havendo também a estruturação final da personalidade (OSÓRIO, 1992).

Este trabalho buscou identificar de que forma a diversidade sexual é abordada em conteúdos acadêmicos em séries do ensino médio. Para isso foram apresentados tais aspectos que podem ser considerados importantes para análise dos dados deste trabalho, como exemplo, a importância de se trabalhar este assunto no ambiente escolar, a fase de transição do adolescente, e o contexto contemporâneo que esse se encontra. E para responder essas questões, utilizou-se o método do Grupo Focal para coleta de

dados. Esta coleta foi realizada com um grupo de professores que aceitaram o convite para a participação, tendo como pretensão responder a seguinte pergunta: De que forma a diversidade sexual é abordada em conteúdos acadêmicos em séries do ensino médio em instituição de ensino privada de Palmas – TO?

Para tanto, estabeleceu-se o objetivo de pesquisa: Compreender como a diversidade sexual é abordada no ensino médio em instituição de ensino privada de Palmas – TO, a partir de grupo focal com os educadores. A busca por respostas para o problema de pesquisa foi orientada pelos seguintes objetivos específicos: Levantar legislações que norteiam o ensino da diversidade sexual no ensino médio em instituições de ensino privada; Analisar se o currículo da instituição a ser pesquisada prevê o ensino da diversidade sexual e compreender, a partir de um grupo focal, como o assunto da diversidade sexual é trabalhado com professores do ensino médio em instituição de ensino privada de Palmas – TO.

Considerando as particularidades e a complexidade do estudo em virtude do tema ainda ser visto como tabu, o mesmo se justifica a partir do desenvolvimento escolar, que passa por um processo contínuo desde os primórdios da movimentação do ser humano, em busca da troca de informações, de modo a criar, aperfeiçoar e passar adiante tais conhecimentos, aguçando sempre os processos de compartilhamento nos setores socioculturais. E, dentre os temas relevantes para nossa sociedade, está a sexualidade, uma vez que nossa espécie é sexuada, sendo o fluxo natural do desenvolvimento.

Esse desenvolvimento da instituição escolar se deu a partir da inserção de forças maiores de motivação social, sendo elas o meio econômico, político e religioso, basicamente. A função social da escola, segundo Lane, tem relação direta com a “transmissão harmoniosa da cultura, produzida por gerações anteriores, para novas, garantindo o desenvolvimento de novos conhecimentos, necessários para o progresso do país.” (2006, p. 46).

Através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1990) foi inserida a escola como um local privilegiado para implementação de políticas

públicas para promover a saúde da criança e do adolescente e a introdução da diversidade sexual na forma de tema transversal.

Carrara (2009) traz, através de seu discurso, a importância de se discutir no ambiente escolar, a partir de uma perspectiva crítica, a percepção do aluno em discursos homofóbicos, misóginos ou sexistas, possibilitando um diálogo em sala de aula favorável à desconstrução de um discurso heteronormativo.

Dentro dos desafios escolares, encontra-se a diversidade sexual, termo que se refere a toda manifestação de sexualidade, afetividade e identidade de gênero sem especificar cada uma. No ambiente educacional, desde a pré-escola até o ensino superior, há uma divisão de papéis entre meninas e meninos, e essa cultura já vem imposta das funções sociais, pois as práticas culturais impulsionam o determinado padrão, no caso em tela o da heteronormatividade.

De acordo com Louro (1997), discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos remete a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais, a importância do debate sobre a diversidade sexual no Ensino Médio torna-se mais evidente, pois a mesma pode contribuir para uma formação mais humana e cidadã.

Trazer para o grupo discussões sobre a diversidade sexual e mostrar como ele pode impactar diretamente a maneira como alunos e professores tratam sobre o tema, podem ser passos decisivos que vão cooperar na formação do sujeito, pois a escola é uma forma de promoção de igualdade de direitos.

Candau (2012) aponta que a escola monocultural e homogeneizadora é cada vez mais forte, assim com a necessidade de romper com esta, e construir práticas educativas nas quais se façam presentes as diferenças e o multiculturalismo. Perez Gómez (2001), por sua vez, defende como “fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola” (p. 17). Tal como a instituição pode enxergar a importância deste tema, por diversas formas, o mesmo precisa ser abordado de forma ética e política no âmbito educacional.

Na atualidade, essas questões não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, pois, a Instituição de modo geral pode se beneficiar

dessa inserção acerca da diversidade sexual (CANDAUI, 2012). Por outro lado, negar a importância dessa questão, ignorar as discussões e seus impactos pode significar o agravamento de situações cotidianas não compreendidas em várias dimensões, comprometendo a interação dos grupos sociais e culturais que estão inseridos neste ambiente.

Apropriar-se da realidade para melhor analisá-la, e posteriormente produzir a discussão sobre a importância do ensino da diversidade sexual com os adolescentes que estão inseridos no Ensino Médio, fomentará nas instituições de ensino maior autonomia no que se refere ao conhecimento, propiciando a inclusão no que diz respeito a ausência de temas como esse em sua grade curricular.

## **2 ADOLESCENCIA E SEXUALIDADE NO CONTEMPORÂNEO**

Osório (1992) conceitua adolescência como uma etapa evolutiva peculiar ao indivíduo, onde está inserido todo o processo do biopsicossocial do ser humano. Desta forma, os aspectos biopsicossociais não são compreendidos separadamente, são indissociáveis que conferem a adolescência.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é um período da vida no qual acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais, que começam aos 10 e vão até os 19 anos. No Brasil, para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei 8.069, de 1990, a adolescência se inicia aos 12 e vai até aos 18 anos de idade, desta forma, coincidindo com a maioridade penal brasileira (2005). Essa fase é contemplada por mudanças físicas, emocionais e cognitivas, sendo que cada pessoa as vivenciará de maneiras diferentes.

O termo adolescência vem do latim, que significa crescer, desenvolver-se em direção a maturidade. Para o desenvolvimento humano a adolescência é um processo caracterizado de mudanças. Hall (apud PEREIRA 2005) acreditava que todas as infâncias, no que diz respeito a comportamento e desenvolvimento físico, refletiam as mudanças que cada adolescente desenvolvia de acordo com o meio no qual estava inserido.

De acordo com Pereira (2005), a adolescência é um estágio de agitação emocional no qual o comportamento variava entre atitudes selvagens e mau humor silencioso. Ele declarou que a adolescência é uma ânsia por sentimentos e sensações novas, em que a monotonia e a rotina são intoleráveis. Há uma busca de sensação por si mesmo e todo o sentir é atribuído de uma maneira mais aguda.

Dinnah Martins (1987) caracteriza essa fase como uma fase difícil porque os fatores biológicos específicos se somam aos determinantes socioculturais, são instabilidades no sentir e agir que irão contribuir nesse período de mudanças.

De acordo com Bee (1997), a adolescência é um período de transição conjunta psicológica e cultural, e não apenas uma faixa etária específica. Há modificações na criança, sendo elas física, mental e emocional.

Aberastury (1981) pactua desse entendimento, ao afirmar que a adolescência é um momento crucial na vida do homem e que estabelece a etapa decisiva de um processo de desprendimento.

O desenvolvimento na adolescência é um período de transições que interage entre o organismo e o ambiente, logo mudado pela experiência. Aberastury (1981) define como um período confuso, de contradições caracterizada por atritos no ambiente familiar e outros ambientes que o adolescente está inserido.

(...) este período da vida, como todo fenômeno humano, tem sua exteriorização característica dentro do marco cultural-social no qual se desenvolve. Assim, devemos em parte considerar a adolescência como um fenômeno específico dentro de toda a história do desenvolvimento do ser humano, e, por outro lado, estudar a expressão circunstancial de caráter geográfico e temporal histórico-social (p. 24).

Para a autora, o indivíduo se encontra em um processo constante de organização; o desenvolvimento humano constitui o verdadeiro sistema no qual existe uma interação da herança genética com o ambiente familiar, social e cultural que o adolescente faz parte.

Para Erikson (1968), mediante os conflitos de mudanças que o adolescente enfrenta, ele desenvolve meios para medir aquilo que ele se tornou e o que ele gostaria de se tornar, é o momento de reflexão para o mesmo saber aonde deve ir para alcançar seus objetivos.

Durante esse processo de transição que é a adolescência, há também mudanças e dificuldades no que diz respeito ao ambiente familiar. Segundo Pereira (2005), existe uma irritação por parte dos pais, os mesmos se mostram confusos com a maneira que os filhos se comportam nessa fase de transição, pois o que antes eram crianças que seguiam as opiniões dos pais, eles passam a questionar e se revoltar contra alguns valores paternos.

Segundo o autor, as mudanças tecnológicas, sociais e morais têm ocorrido de uma maneira muito rápida desde as últimas décadas, os jovens de hoje cresceram no mundo totalmente diferente do mundo dos seus pais e avós,

e fazer comparativos ou exigir comportamentos semelhante aos seus (pais e avós) se torna algo sem sucesso.

Entende-se, então, que este período da adolescência é um período regado de mudanças, físicas, mentais e sociais. Cada indivíduo enfrenta essa fase de uma maneira diferente, levando o indivíduo a uma construção cultural a partir das mudanças sociais.

Para uma melhor compreensão da adolescência no contemporâneo é preciso entender em linhas gerais sobre a contemporaneidade. Segundo o dicionário Larousse Cultural (1999), contemporâneo significa o que é do mesmo tempo, da mesma época, da época atual, com tal característica entende-se que falar sobre contemporaneidade difere de modernidade, pois ela não se refere a um tempo específico, mas ao que se fala hoje, no tempo atual.

A cultura contemporânea é caracterizada pelo desenvolvimento tecnológico, relações de poder, formas de comunicação e agilidade. Nesse sentido, Bauman (2004, p. 33) afirma que "(...) a mente moderna nasceu juntamente com a ideia de que o mundo pode ser transformado". Complementa dizendo que o sentido da modernidade está atrelado à rejeição do mundo como esse se apresentava até então, com isso surge o desejo e modificá-lo, o autor também traz a ideia de "(...) modernizar-se ou perecer" (p. 34).

Referindo-se a esse excesso de tecnologia, Bauman (2005) se pronuncia em contra posição do modo como as pessoas são atingidas mediante isso e como a mesma se tornou um suporte essencial de uma necessidade atual:

O excesso de informações é grande demais para ser descarregado nos cérebros humanos – ou mesmo nos seus repositórios convencionais, as prateleiras das bibliotecas. A invenção da memória eletrônica veio a calhar: a rede mundial faz o papel de depósito de refugio da informação, de capacidade infinita e em crescimento exponencial (p. 37).

O autor afirma que as mudanças que ocorrem em cada época tem uma repercussão significativa sobre a vida atual. Cada fase da vida do indivíduo também passa por mudanças, e uma dessas mudanças é a adolescência, que está relacionada a diferentes mudanças de comportamento biológico, social e cultural.

Conforme afirmam Ferreira e Nelas (2016) a adolescência foi caracterizada por muitos anos como uma fase de transição que o indivíduo passa da dependência da infância para as responsabilidades da vida adulta, na contemporaneidade essa transição é definida com a passagem por momentos diversos de maturação, construção da identidade, escolha profissional e estruturação de projetos de vida.

No vasto intuito de possibilidade dos arranjos sociais, a sexualidade assumiu diversas formas de expressão que estão relacionadas à vida social e suas dimensões, que contribuem para produção e reprodução de valores que constituem a vida coletiva. As posições sociais determinadas ao longo da história nas hierarquias sexuais regularam as possibilidades que delimitaram tais práticas (RUBIN, 1984).

Louro (2000) aponta que é necessário buscar a superação de uma visão biologicista com relação à sexualidade e ao gênero, destacando que:

[...] as possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (p. 9).

A partir dessa busca de uma superação da visão biológica, não se pode desconsiderar os aspectos histórico-culturais na construção e vivência da sexualidade humana.

A visão patológica vem de um discurso hegemônico que cria formas e práticas de consentimento de modo a transformar uma experiência particular - no caso a experiência heterossexual - em universal, inferiorizando qualquer possibilidade da experiência social (LOURO, 2000).

De acordo com Prado e Machado (2008, p. 12), a partir do século XIX o corpo e a sexualidade passaram a ser objetos das políticas de controle e moralização da vida social. Através da hierarquia social o corpo e o prazer se tornaram campo de luta e debate político.

Esse padrão aceito como normal, a partir da busca por um padrão socialmente aceito, faz com que as pessoas percam a relação com sua própria sexualidade, limitando-os a uma visão fechada e condenada. Prado e Machado (2008) afirmam:

Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram a discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença (p 12).

Esse controle exacerbado impedindo as pessoas de modo geral, principalmente na adolescência, de perceberem seus corpos e suas vivências afetivas, controlados por influências de significações compartilhadas de forma natural ou imperceptível em diversos contextos sociais.

### **3 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**

Historicamente o termo sexualidade surgiu no início do século XIX, Foucault (1988) indica que no final do século XVIII, algumas ciências passaram a discutir e estudar a sexualidade. O uso da palavra foi determinado por diversos campos de conhecimentos, sendo eles do campo biológico ou social do comportamento.

A sexualidade constitui o ser humano como sujeito, suas formas de expressão, prazer, visibilidade e de práticas sexuais. Está ligada à construção social do indivíduo em seus contextos de interação, as interações sociais são processos de reconhecimento entre os sujeitos e suas formas institucionais. (LOURO, 2003).

Para abraçar os dilemas de nosso tempo, é necessário compreendermos que a sexualidade humana se manifesta de várias formas, para tal é importante saber a diferença entre sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

O sexo, de acordo com o dicionário Larousse é a conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, vai caracterizar a parte biológica, que se divide entre macho, fêmea e intersexo. Ele é definido pelos seus cromossomos e por características como órgãos reprodutivos internos e externos.

Analisando a conceituação de gênero de Scott, “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas

entre os sexos” (1995, p. 86). Os gêneros englobam todas as práticas atribuídas às pessoas que nascem com um aparelho genital ou outro, cada cultura incentiva que as pessoas tenham certos comportamentos, vestuários, profissões e valores de acordo com o gênero que ela nasceu.

Louro, afirma que “tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.” (1997 p. 27). A identidade sexual é moldada a partir da relação social que o indivíduo constrói, não é uma questão imutável em sua vida.

Deborah Britzman (2000) afirma:

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (p. 74).

A diversidade sexual segundo Mariuzzo (2003) está relacionada com reconhecimento da existência de diversas formas legítimas de expressão e vivência da sexualidade humana, entendendo que a sexualidade “é composta por uma complexidade de determinações” (p. 26).

De acordo com Torres (2010) o termo diversidade sexual está presente em discussões, problematizações e estudos que envolvem o preconceito, a luta por igualdade de direito da população LGBT, pois os mesmo possuem orientações sexuais e/ou identidade de gênero que, de alguma forma, fogem à norma socialmente estabelecida.

A ONU (Organizações das Nações Unidas) (2012) explica o significado dos termos identidade de gênero e transgênero a partir de cartilhas sobre sexualidade, as quais tem como foco a divulgação destes termos para a sociedade. Desta forma, identidade de gênero refere-se à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero de maneira individual. Pessoas transgênero possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo biológico que lhes foi designado no momento de seu nascimento. O indivíduo biologicamente macho pode se identificar com o gênero masculino ou feminino, e uma pessoa

biologicamente fêmea também pode se identificar com o gênero masculino ou feminino.

Indivíduos transgêneros, segundo o Guia Técnico de Orientações Sobre Identidade de Gênero: conceitos e termos (2012) têm como representação adequada para tal terminologia o termo “guarda-chuva”, que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam com seu sexo biológico, assim, apresentando comportamentos e/ou papéis não esperados incontinentes do gênero que lhes foi determinado quando nasceu.

São pessoas cujas identidades de gênero ou expressão dessa identidade diferem do gênero relacionado com seu sexo biológico, um exemplo é quando uma pessoa biologicamente homem (tendo todos os órgãos do aparelho reprodutor masculino) se identifica com o gênero feminino e se veste ou se comporta de modo coerente com o gênero feminino.

É indispensável que nas escolas os professores estejam comprometidos com a problematização de questões sociais, como o preconceito de cunho sexual e de gênero que faz parte do cotidiano escolar (BORRILLO, 2009; ABRAMOVAY, 2009). Sobre isto, Junqueira (2010, p. 216) aponta que:

as escolas já prestariam um grande serviço aos direitos humanos e à educação de qualidade se passassem a se dedicar à problematização de práticas, atitudes, valores e normas que investem nas segregações, na naturalização das diferenças, na essencialização e fixação de identidades sociais, na (re)produção de hierarquias opressivas [...].

No Brasil a educação é regulamentada pela Lei das Diretrizes Básicas – LDB (2014) o desenvolvimento da criança na educação tem como finalidade desenvolver aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade, nas habilidades e a formação de atitudes e valores.

A formação de educadores está no centro das reformas de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a docência da Educação básica, que foi instituída pela Resolução 01/2002 do Conselho Nacional de Educação. Essas diretrizes apresentam a nova concepção de saberes e docência, que contemplam objetivos e princípios que estão no âmbito das tendências internacionais. (BORGES; TARDIF, 2001).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), a educação sexual é tratada na maioria dos casos como um dever apenas dos professores de biologia, que apresentarão o fisiológico e biológico do assunto (BONFIM, 2009). A mesma aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal:

[...] tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho (BRASIL, 1997, p. 307).

Como se caracterizou nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a discussão dos conteúdos de Orientação Sexual abrange várias áreas de conhecimento, assim como outros temas transversais, todavia será trabalhado pelo professor de acordo com sua área teórico e prática de conhecimento.

O corpo humano para Silva (2005), enquanto um conteúdo escolar vem sendo apresentado por meio de um olhar biológico, de maneira fragmentada. Desconectada de aspectos históricos ou culturais, traz assim para o meio uma significação exclusiva relacionada ao gênero, contribuindo para uma (re)produção do heterossexismo da homofobia.

Levando em consideração uma compreensão importante sócio-histórica da diversidade sexual, a psicologia histórico-cultural é uma perspectiva crítica baseada no histórico-dialético. Primeiro entende-se a história como “o movimento contraditório constante do fazer humano”. Uma concepção dialética se baseia na contradição como característica fundamental de tudo o que existe, tendo sua superação como base das constantes transformações da realidade (BOCK, 2001, p. 17).

A partir dessa perspectiva deve-se olhar para a história a partir da realidade concreta, que segue numa visão dialética “leis do movimento de transformação constante, que tem por base a contradição” (BOCK, 2001, p. 34). Através dessas leis, as ações históricas e objetivas do indivíduo também são produzidas por indivíduos que possuem um aspecto subjetivo da realidade.

De tal modo “subjetividade e objetividade, externo e interno, nessa perspectiva, não devem ser vistos numa analogia dicotômica e imediata, mas

como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 302).

A partir do descrito, podemos inferir que o desenvolvimento da sexualidade humana pode ser influenciado por fatores externos ao sujeito, sociopolíticos e culturais, bem como pelos fatores intrínsecos, nos levando a crer que discutir a sexualidade nos dias de hoje só é possível a partir de uma concepção biopsicossocial e cultural do fenômeno.

#### **4 ENSINO EM INSTITUIÇÕES PRIVADAS E DIVERSIDADE SEXUAL**

Historicamente falando sobre o ensino em instituições privadas no Brasil, Alves (2009, p. 71) relata que “... a educação escolar no Brasil nasceu da iniciativa privada, quando, em 1533, os Franciscanos fundaram, na Bahia o primeiro estabelecimento de ensino em Terras de Santa Cruz”. Entende-se então que o ensino privado no Brasil, a partir dessa fundação, foi de origem confessional.

De acordo com Lelis (2015) as escolas confessionais no Brasil são instituições criadas e mantidas e por igrejas cristãs, torna-se imprescindível destacar que a missão das escolas confessionais é para além de uma formação religiosa, pois esta é uma característica que faz parte, mas não o é a definição completa.

Para que esse sistema de ensino confessional tenha habilitação, é necessário que sua proposta de ensino esteja de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais exigidos pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2010).

Com o objetivo de ofertar ao país uma educação com direitos de todos e igualitária, o Ministério da Educação cria um projeto de lei de diretrizes e bases da educação nacional, que resultou na primeira Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024/61, sancionada em dezembro de 1961. Com o passar dos anos ela foi sendo modificada e reformada até ser substituída pela LDB 9.394/96.

Por meio da Constituição Federal, capítulo III, sessão I, Art. 205;

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando

ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Neste sentido, toda redação jurídica referente à LDB vai ao encontro com a concepção da Constituição Federal, estabelecendo a normatização do sistema educacional ao longo do tempo.

Niskier (1996) refere-se aos objetivos do Ensino Médio de acordo com a LDB/96 os objetivos serão verticalizados, ou seja, os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental serão aprofundados, preparando o aluno para a continuação da sua aprendizagem. Em relação ao meio social, fica entendido que a formação do aluno por seus princípios tenham sido preconcebido nas etapas anteriores.

Barros (2007) diz que a escola deve ser um ambiente de construção de novos saberes sociais que serão compartilhados e aprendidos, a vida escolar é uma experiência crítica a práticas discriminatórias. Houve um crescimento de discussões como discriminação por: raça, sexo ou deficiência passando a fazer parte da agenda de formação escolar na última década.

A instituição de ensino é uma instância social. Louro (1999) aponta que a escola deve exercitar uma pedagogia da sexualidade e de gênero, colocando em ação várias tecnologias do governo, determinando suas formas de ser ou jeito de viver mediante a sua sexualidade e seu gênero.

As práticas pedagógicas se constroem mediante a relação do sujeito consigo mesmo Larrosa (1994). Segundo este autor, essa relação irá se modificar de acordo com a experiência que o mesmo tem de si, essa experiência é o resultado do processo histórico que se cruza com os discursos que definem a verdade, e as práticas que regulam seu comportamento, constituindo assim a sua subjetividade.

Para o autor, qualquer ambiente que modifique ou que aprendam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo é um dispositivo pedagógico, pensados como construção de subjetividade. A educação colabora na construção e transmissão dessa experiência objetiva do mundo exterior, auxiliando na troca de experiências de um indivíduo para com o outro.

Nessa construção de saberes, a educação está imersa nos processos culturais, existe uma relação entre educação e cultura, Candau (2012) afirma

que educação e cultura estão entrelaçadas, e não podem ser analisadas separadamente, há momentos históricos que passam por um confronto nessas relações.

A orientação sexual, com a proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, foi incorporada aos temas transversais (Brasil, 1998). São priorizadas as questões sobre saúde sexual, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como gravidez indesejada. Ele também discorre sobre temas ligados ao direito sexual e reprodutivo, com a função educacional de identificação e questionamento de tabus e preconceitos que estão ligados a sexualidade e desconstrução de estereótipos de gênero.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cabe a escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças, para ajudar na construção do aluno de um ponto de vista crítico, que o leve a reflexão. Os PCN's constitui um planejamento e intervenções no que diz respeito ao assunto, problematizando, questionando e ampliando o conhecimento dos alunos.

A dinâmica escolar supõe diferentes componentes para romper com as tendências homogeneizadoras e padronizadas. Para Moreira e Candau (2012) afirmam:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com pluralidades e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e padronização. No entanto, abrir espaço para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar (p. 161).

Entende-se que a escola, enquanto uma instituição de ensino precisa compreender a dinâmica da sociedade, que a mesma está em constante mudança e transformação, que discussões sobre a diversidade sexual é de grande importância para a construção de pensamentos críticos evocados nos alunos, e o mesmo se resulta através de uma compreensão desse conhecimento.

Segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais 1997), a discussão da orientação sexual nas escolas é um fator que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. A discussão

sobre a orientação sexual serve também para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e gravidez indesejada.

A escola, que inclui essa discussão sobre a diversidade sexual no seu projeto pedagógico, habilitará as crianças e adolescentes a partir do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas, que se é tão importante na construção da sua identidade.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Tipo de estudo**

O estudo refere-se a uma pesquisa aplicada, pois pretendeu "gerar conhecimento para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

A pesquisa realizada foi de caráter qualitativo, tratando-se de aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O objetivo metodológico da pesquisa constituiu em exploratório. De acordo com Gil (1991), este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, que envolveram levantamentos bibliográficos e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

### **5.2 Participantes**

Foram convidados professores de primeira a terceira série do ensino médio da cidade de Palmas- TO, que trabalham na instituição pelo menos há seis meses. O número de participantes da pesquisa foram 4 professores do ensino médio, o quadro total é composto por 14 professores.

### **5.3 Local**

A pesquisa realizou-se em uma instituição privada na região norte da cidade de Palmas – TO. Esta instituição trabalha com os três níveis da educação básica sendo eles: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A pesquisa foi realizada no período de fevereiro a abril do ano de 2018.

### **5.4 Objeto de estudo ou população e amostra**

A pesquisa consistiu em ser realizada dentro da Instituição de Ensino com o corpo docente, com a autorização da instituição, dentro do contexto

escolar. Para qualificar a amostra, foram ouvidos os professores do Ensino Médio da educação privada na cidade de Palmas – TO.

Ressaltando a natureza qualitativa do estudo, a forma de seleção dessa amostra ocorreu de forma aleatória. O contato realizado através da Declaração de Instituição Participante enviada para a escola e os professores foram informados por meio de um convite exposto na sala dos professores com a divulgação do local e horário onde aconteceu o encontro do grupo. Não houve determinação de um número específico de participantes, o grupo foi realizado com aqueles que se apresentaram.

### **5.5 Aspectos éticos**

Como envolve pesquisa com seres humanos na área da saúde, o presente projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), sendo aprovado em 27/11/2017, com o número 79958217.2.0000.5516. Os professores da instituição de ensino foram convidados a participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme os princípios éticos da resolução do CNS 466/12.

### **5.6 Critérios de inclusão e exclusão**

Foram convidados professores de primeira a terceira série do ensino médio da cidade de Palmas- TO, que trabalham na instituição pelo menos há seis meses.

Considerados critérios de exclusão do estudo: professores de outras séries, professores que não tenham tempo mínimo de trabalho exigido pela pesquisa.

#### **5.6.1 Benefícios**

Os benefícios estabeleceram-se relacionados aos aspectos, morais, sociais e culturais dos professores que participaram da pesquisa, tais como:

maior conhecimento sobre a função de abordar conteúdos relacionados à diversidade sexual, a fim de proporcionar melhorias nas relações dos alunos dentro e fora do contexto escolar facilitando o processo de aceitação, empatia e respeito das diferenças.

### **5.6.2 Riscos**

Os riscos poderiam acontecer nas dimensões psíquicas, culturais dos docentes participantes do grupo. Os conteúdos trabalhados pela estrutura do grupo focal e pelo tema causariam certa ansiedade e um possível constrangimento. Porém, caso ocorresse algum desses problemas, o Núcleo de Atendimento a Comunidade, que faz parte do Ceulp-Ulbra ofereceu os serviços de psicologia para auxílio psicológico e demais aspectos que fossem necessários.

As identidades dos professores foram preservadas respeitando a ética tal qual exposto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

## **5.7 Instrumentos de coleta de dados, estratégias de aplicação, registro, análise e apresentação dos dados**

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados como instrumentos de coletas de dados a entrevista semiestruturada, observação sistemática, disparador de pergunta, sala de multimídia, data-show e caixa de som.

A observação sistemática consistiu em uma observação passiva do observador, na qual ele não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora, isto é, presenciando o fato, mas sem participar dele, não deixando se envolver pelas situações, realizando mais o papel de espectador (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

“O grupo focal se dá a partir da discussão de um tema, relacionados primeiramente com as questões de investigação que a pesquisa” em foco visa responder (LERVOLINO; PELICIONI, 2001 p. 118). Sendo assim, o grupo foi conduzido por uma pergunta de investigação, que favoreceu o grupo a mergulhar no objeto central. Após o disparador foram feitas duas perguntas, 1ª pergunta: “você já teve contato anteriormente com esse vídeo? Onde?” 2ª pergunta: “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”

O encontro ocorreu na de sala multimídia, foi utilizado datashow, caixa de som, e notebook, além do gravador para registrar o encontro e análise das informações que foram obtidas.

## 5.8 Procedimento

Esta pesquisa se iniciou após sua aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa do CEULP (CEP), sendo aprovada no dia 27 de novembro de 2017, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 79958217.2.0000.5516 (APÊNDICE G).

O primeiro contato feito foi com a direção da instituição de ensino a ser pesquisada, apresentando a proposta da pesquisa para o responsável, para autorizar a realização da pesquisa. Após a apresentação, foi autorizada a realização da pesquisa com os professores do ensino médio da instituição de ensino.

O segundo contato foi estabelecido com os professores através de um convite (APÊNDICE E), e também informando verbalmente como ocorreria o grupo focal, a proposta, tema, e saber os interesses deles nessa participação. Durante este contato já ficaram estabelecidas data, local e horário do grupo.

O grupo formou-se após esses contatos e assinaturas do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), foram entregues aos participantes. Não há consenso quanto ao número de participantes para um grupo focal (KIND, 2004), portanto a realização do grupo ocorreu com todos aqueles que compareceram ao local indicado.

O grupo ocorreu no dia 2 de abril de 2018, essa data foi definida de acordo com a disponibilidade dos professores da instituição, fizeram-se

presentes quatro professores, a princípio estava previsto um grupo com oito participantes.

A discussão teve como princípio o disparador: o vídeo: Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola 04/06/2011 – Parte 1. O vídeo aborda questões relacionadas a diversidade sexual, passando por assuntos como a homofobia, sexualidade, gênero, homossexualidade, transexualidade e educação. Em seguida realizaram-se as perguntas: “você já teve contato anteriormente com esse vídeo? Onde?” e “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”

O local que o grupo se realizou era de fácil acesso, silencioso, não movimentado e composto de uma sala climatizada com cadeiras dispostas em círculo, onde foi possível a utilização de recursos multimídia, no caso, Datashow, notebook, caixa de som e um gravador.

O grupo teve a duração de 50 minutos. Durante a realização do grupo estavam presentes o pesquisador, o relator e o observador. Para LERVOLINO; PELICIONI, 2001:

o pesquisador tem o papel de conduzir o grupo abordando os tópicos de interesse do estudo, de maneira menos diretiva possível, o relator tem o papel de “anotar os acontecimentos de maior interesse para a pesquisa e outro para auxiliar na observação da comunicação não verbal (observador), como forma de compreender os sentimentos dos participantes sobre os tópicos discutidos e, eventualmente, intervir na condução do grupo”. p. 117.

No grupo da pesquisa em questão, a discussão tornou-se focada na temática sexualidade e educação em escolas privadas. Sua finalidade era promover discussões envolvendo a instituição de ensino pesquisada sobre a importância de abordar a diversidade sexual no âmbito escolar nas séries de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> do ensino médio, com o intuito de compreender como o tema é abordado por professores do ensino médio na rede privada de educação de Palmas - TO.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa foi desenvolvida com um grupo de professores do Ensino Médio de uma instituição de ensino privada de Palmas – TO a partir da perspectiva do grupo focal. Segundo Kind (2004) o grupo focal tem por base o discurso e a interação, respaldando-se na dialética dos participantes, sabendo que irão contribuir para a construção de conhecimento no espaço onde haverá um agrupamento de ideias subjetivas.

A essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal) (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116).

A presente pesquisa objetivou a importância da discussão do tema Diversidade Sexual, e, assim a compreensão de como o assunto é trabalhado com professores do ensino médio da instituição privada em questão.

Conforme os participantes da pesquisa, abaixo um perfil:

Cada professor ministra sua disciplina há mais de seis (6) meses na instituição de ensino pesquisada.

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Disciplina</b>
<b>Participante 1</b>	42	Masculino	Filosofia e sociologia
<b>Participante 2</b>	39	Feminino	Biologia
<b>Participante 3</b>	31	Masculino	Física
<b>Participante 4</b>	30	Feminino	Artes

Com base no discurso dos participantes foi possível levantar as seguintes análises:

No primeiro contato com os professores já houve uma aceitação de 80% dos presentes, e interesse dos mesmos para a participação do grupo, colocando-se dispostos às discussões.

## 6.1 Sexualidade e educação

Após a realização do grupo verificou-se então de acordo com o participante 1, que a discussão é importante, mas não deveria haver uma disciplina específica, sendo importante o apoio da escola para tal discussão.

**Participante 1:** *eu não diria que deveria ser discutido em um disciplina que leve o assunto “específico”, primeiramente vai depender da escola e do meio, se por acaso no meio houver algo que leve a essa discussão, acredito que deve sim discutir, mas acredito que não deva ser uma disciplina, porque é uma coisa muito pessoal, às vezes você pode acabar criando uma situação desagradável ou constrangedora, mesmo que você queira da melhor forma trabalhar essa questão.*

Existe uma necessidade em se trabalhar a educação sexual dentro da sala de aula, essa temática faz parte da construção do sujeito, pois irão aparecer questionamentos por parte dos estudantes e o professor não pode simplesmente ignorar essa demanda.

A presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1999, p. 81).

De acordo com o Participante 1, além da dificuldade de se trabalhar sobre a sexualidade, ele como professor sente falta do apoio da escola em relação à temática, refletindo que se a direção da escola não apoia essa discussão, é complicado trabalhá-la com os alunos:

**Participante 1:** *Eu digo isso por experiência própria, na disciplina de ensino religioso algumas escolas que não tem o conteúdo, acabam deixando para o professor pegar temas transversais e discutir, aí às vezes a gente leva um tema pra lá, e só recebe reclamação.*

Contrariando as colocações do professor acima, a educação sexual aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal, em virtude da Orientação Sexual encontrar-se em diversas áreas do conhecimento. Além disso, este tema será introduzido na prática educativa, pois cada área irá trabalhar essa temática a partir da sua prática de trabalho (BRASIL, 1997).

A discussão desse assunto na sala de aula é de extrema relevância, visto que de acordo com os PCN's é um tema a ser abordado, dado circunstâncias que os adolescentes tendem a enfrentar nessa fase da vida devido a sua sexualidade.

Segundo Borges e Tardif (2001), a escola é o local de conhecimentos e formação de saberes, no qual os professores são considerados como práticos e reflexivos, estabelecendo uma ligação na formação da educação básica. Sendo assim, é possível identificar que essa formação social reflexiva que deveria ocorrer dentro da escola, pode ter se perdido ao longo do tempo. De acordo com o Participante 3 a escola, de modo geral, está afastando as discussões sociais do seu ambiente.

***Participante 3:** A escola era o local para discutir o que acontece na sociedade, a princípio era o local onde se discutia, no entanto a escola hoje se posiciona a não opinar em conteúdos conflituosos, então não discutimos muito sobre política, sobre homossexualidade, veja, esses temas onde o local para se discutir seria a escola, é onde a gente está afastando, não é uma posição só nossa, é uma posição das escolas em geral, eu vejo dessa forma e é difícil para o professor que tem na escola esse local que deveria discutir, trabalhar no sentido de alguma forma frustrado, porque ele traz a tona que deveria ter discutido aquele assunto com maior abrangência mas fica com medo .*

De encontro a fala do Participante 3, a escola deve se manter mais aberta para as discussões sociais, não só a escola, como também os professores pois são eles que durante os 50 minutos de cada aula se tornam os responsáveis nessa transmissão de saberes, e são o ponto de referência de maior conhecimento para aquela turma, é o momento em que os alunos esperam para aprender mais, além do conteúdo programático de cada disciplina.

A escola não deve perder sua essência no que diz respeito a debater temas sociais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – (Brasil, p. 1997), os quais propõem que “a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade”.

Na visão de Paulo Freire (1987) o educador tem a tarefa de atuar dialogicamente, trabalhando de maneira interdisciplinar, na qual o conteúdo não seja uma imposição, mas uma revolução acrescentada aos alunos, não havendo temas proibidos nesse cenário, uma vez que aqueles que parecem promover mais polêmica ou conflitos são justamente os que melhor precisam ser trabalhados.

A dialógica na sala de aula ainda precisa ir além da visão de ser trabalhada a sexualidade apenas em conteúdos de biologia, e é evidente o papel que os professores de biologia assumem na sala de aula quando o assunto é sexualidade. Na opinião do Participante 2 é mais fácil conversar com os alunos sobre o assunto, pois ela responde os questionamentos através dos artigos científicos.

**Participante 2:** *É mais fácil fazer esse tipo de discussão na sala de aula, porque eu chego com os artigos científicos sobre genética, a parte genotípica, então eu consigo fazer essas discussões aqui e faço, porque é a pergunta muito frequente quando chega a genética na parte de reprodução eles perguntam: uai professora de onde vem o gay? E o hermafrodita é a mesma coisa? E o gênero? Então quando começam essas perguntas eu já acho mais fácil conversar sobre isso, porque eles introduzem o assunto, e eu já trago material para isso, os artigos científicos.*

O participante também sente a carência de uma formação do professor para trabalhar a diversidade sexual:

**Participante 2:** *Eu acho que a formação do professor hoje em dia tem que ser modificada, como a professora de biologia do vídeo falou, eu também concordo que a nossa formação é falha, falta mais suporte teórico para trabalhar essa temática, eu acho que na formação do professor tinha que ter uma disciplina sobre orientação sexual sim, não só sobre a orientação sexual, mas também sobre esses temas transversais que podem surgir na atualidade e realmente os livros que nos utilizamos são os mesmos da época em que eu fazia o ensino médio por exemplo.*

A instituição de ensino precisa compreender as mudanças que ocorrem na sociedade, que as discussões sobre diversidade sexual são de grande importância para a construção de pensamentos críticos com os alunos, pois a escola é vista como um dos locais mais apropriados para esse tipo de discussão, visto que os alunos estão ali para aprender e trocar experiências, sem aquele olhar de julgamento ou violência.

Moreira e Candau (2012) afirmam que a escola tem dificuldades de lidar com as diferenças, mas possui um grande desafio a ser enfrentado ao abrir espaço para a diversidade.

Mediante as mudanças apontadas acima, alguns problemas pessoais dos alunos são identificados pelos professores a partir de uma simples escuta para com o aluno, no qual, o aluno sente-se sozinho, não tem atenção da

família, nem tampouco a oportunidade de conversar sobre determinados assuntos que estão deixando-o angustiado, e alguns deles estão relacionados à sexualidade.

Partindo desse pressuposto, o PCN – (Brasil 1998), que se refere à Orientação Sexual ao colocar como tema transversal, está no âmbito coletivo, no qual não há um aconselhamento individual ou até mesmo psicoterapia, desde que tal aluno não esteja passando por uma vivência pessoal que lhe causa problema. Sendo assim:

Apenas os alunos que, por questões pessoais, demandem atenção e intervenção individuais, devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola, e poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado (p. 300).

De acordo com o Participante 3, ele e todos os outros professores têm esse apoio da coordenação para essas possíveis demandas:

**Participante 3:** *Às vezes esse aluno traz tanta demanda para você, que você fica olhando e não sabe o que fazer, então é a hora que eu me reporto a coordenadora, e falo olha fulano está com problema, mesmo que um dos meus posicionamentos em sala embora seja de uma pessoa autoritária, em sala de aula eu também dou a liberdade para eles chegarem e falarem, então muitos chegam com várias questões, inclusive sobre sexualidade que não podem ficar só comigo, então eu repasso para a coordenação.*

**Participante 2:** *Em geral nos temos muita liberdade com a nossa coordenação, então quando eu percebo que tem algum aluno que está em conflito com a sexualidade dele, eu já chego e falo para a coordenadora que o motivo daquele menino tal ter mudado o comportamento dele, se ele está mais agressivo, depressivo ou tá atrasado é porque ele está em conflito com a orientação dele, e a coordenadora é psicopedagoga, então ela tem a liberdade de conversar com o aluno e até com a família, ela tem muito mais liberdade que eu como professora para conversar com o pai.*

Segundo os PCN's (1997), essa postura irá auxiliar os alunos a analisarem o que deve ser compartilhado nos grupos de conversa e o que deve ser mantido como uma experiência pessoal, para depois chegar ao atendimento necessário dependendo da demanda.

## 6.2 Família e sexualidade

A família tem uma influência primária na educação dos filhos, que os valores sociais são moldados baseando-se na aprendizagem de geração em geração. Sobre isso Szymanski (2010, p. 20) explica sobre o papel da família em relação a essa transmissão de saberes:

A família, nessa perspectiva, é uma das instituições responsável pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel de transmissores – os pais – e desenvolvidas junto aos que são receptores – os filhos. Tais práticas concretizam-se em ações contínuas e habituais, ou seja, nas trocas interpessoais. Embora não se trate de conhecimento sistematizado, é o resultado de uma aprendizagem social transmitida de geração em geração.

Apesar de haver na família essa transmissão de aprendizagem social, é possível identificar algumas falhas nessa prática que a família deveria exercer, pois o diálogo é insuficiente, o que acaba prejudicando a aprendizagem correta de um assunto, ele não deve ser transmitido apenas na escola.

Desse modo, “a criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas” (SUPLICY, 1983, p.49). Importante frisar que a citação anterior é da década de 1980, mas o cenário parece ter pouco mudado. A partir da fala da Participante 4 foi possível identificar essa demanda:

**Participante 4:** “Mas eu acho que o problema desse tabu é que as crianças chegam com essas dúvidas, com esses questionamentos e não tem a conversa em casa, o que acontece é, que ele chega com a dúvida e vai conversar com o coleguinha e o coleguinha sabe o mesmo tanto ou menos que ele, então vai virando um negócio feio, que por acaso se a família conversasse, talvez, acho que não precisava chegar nem na escola, se a família já esclarecesse alguns assuntos ou se os professores tivessem liberdades para alguns assuntos, talvez seria mais fácil lidar com a situação social.”

## 6.3 Instituições Confessionais e sexualidade

As instituições de ensino confessionais, que são as escolas criadas e mantidas por igrejas cristãs, como é o caso da instituição pesquisada, destaca sua filosofia a uma educação à luz dos ensinamentos cristãos, mas se torna

necessário que seu plano de ensino esteja de acordo com a LDB, deste modo, Schunemann (2009, p. 72 apud LELIS, 2015) explica que “por educação confessional entendemos a escola mantida pelas igrejas a qual não se restringe a educação religiosa”.

Conforme a fala de um dos participantes é possível perceber como a instituição de ensino pesquisada, a partir da fala de um participante, mantém a visão de que a educação nesse contexto deve priorizar, independente do assunto, o viés religioso, aqui mencionado como “ideologia da escola”:

**Participante 3:** *ano passado nos tivemos um caso em que uma aluna veio pra cá porque a mãe a tirou de um determinado colégio e disse que estava colocando lá porque a filha estava se envolvendo com outras meninas lá, então a gente quer que ela siga a ideologia da escola.*

Na LDB (1996) se afirmam os princípios de liberdade que a educação deve proporcionar, o que, em tese, precisaria ser superior a qualquer outra norma ou ideologia que as escolas, por ventura, tenham.

**Art. 2º.** A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ao se direcionar a instituição de ensino de caráter religioso, ela não deve impor seus princípios para inibir os alunos dentro do seu contexto, pois a escola é um ambiente que visa contribuir para o desenvolvimento de alunos críticos e reflexivos. Sobre isso, afirmam JUNQUEIRA; MENSLIN; RIBEIRO; MARCONDES. (2008, p. 619-620 apud LELIS 2015)

Ser confessional não pressupõe fazer proselitismo ou forçar as convicções religiosas da escola em alunos, professores e funcionários. A sociedade hoje vive a pluralidade, a liberdade religiosa e o respeito às crenças individuais e é necessário saber fazer a diferença entre Academia e Igreja, Fé e Ciência. Contudo, como instituição confessional, se reserva o direito de testemunhar sua crença.

De acordo com a Lei nº 9.394 no Art. 3º destaca-se a liberdade que deve haver na escola

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

[...] II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;  
III- respeito à liberdade e apreço a tolerância;

Portanto, questões religiosas podem até ser discutidas, mas não devem expor os alunos a situações constrangedoras, respeitando o valor cultural em que o aluno está inserido como um ser social, com destaque para o direito da escola de professar sua fé, mas não de impô-la aos seus alunos e professores.

#### 6.4 Professores e a sexualidade

Os professores das instituições de ensino devem aprimorar seus conhecimentos e acompanhar as mudanças da sociedade. Para elucidar essas discussões em sala de aula é preciso ter conhecimento sobre o assunto. De acordo com a Participante 2 :

**Participante 2:** Trazer um assunto desses não é simplesmente falar que tem que aceitar ou tem que respeitar, não é só isso que é discutir a diversidade sexual , é muito além disso, então o professor para ter uma discussão dessas, ele tem que ter uma bagagem de informações, tem que haver o preparo.

A importância do conhecimento do professor sobre esse assunto vem de encontro ao que o PCN (2011, p. 299) afirma, sobre a necessidade desse assunto na formação do professor, para levantar essa discussão com os alunos a partir de uma postura profissional irá proporcionar a construção de um debate pautado e consciente do assunto.

Ao levar esse assunto para a sala de aula e ao perceber a necessidade de tal abordagem o professor também deve sair da sua zona de conforto, ir buscar conhecimentos além do senso comum, mesmo que não tenha feito parte da sua grade curricular durante a graduação, outros meios de conhecimentos estão disponíveis para somar no que diz respeito a essa temática.

O professor tem como papel social falar abertamente sobre a diversidade sexual, o preconceito, não só sobre a homossexualidade, mas as demais minorias em termos de representatividade. Silva (2013 ) afirma:

O "papel social" do professor e da professora é discorrer sobre o preconceito, falar abertamente, sem medos. Falar com sutileza, sem

ofender os que cometem o crime da intolerância. Com afetividade e boa argumentação conseguimos barrar não apenas o preconceito, como também, fazemos as pessoas que cometem hostilidades perceberem o quanto são *ingênuas* ou *ideologicamente conduzidas* ao reproduzir o que a própria sociedade reproduz e a partir daí sensibilizar o alunado ao caminho da tolerância e do respeito mútuo.

A sexualidade é algo natural que faz parte da vida do ser humano, não sendo possível “fingir” que tal esfera não existe, especialmente na vida de adolescentes. A sexualidade está relacionada não só ao biológico, mas especialmente ao social e ao cultural, mas segue vista como um tabu para boa parte das pessoas. Então, ao lidar com adolescentes esse assunto irá aparecer de uma forma evidente, sendo o contexto escolar lugar oportuno para discuti-lo.

### 6.5 Sexualidade e o Psicólogo Escolar

De acordo com Louro (2000), “as formas de expressar os desejos e prazeres, são socialmente estabelecidas, ou seja, sua identidade sexual será ‘definida’ e moldada por meio das relações sociais.”.

**Participante 3:** *O tabu começa quando o aluno fica no dilema sobre a sexualidade, o que é? Como definir o que estou sentindo? O dilema dele ser homossexual, se descobre de repente o pai e a mãe não aceita, é um assunto que é tabu na família e ele leva para essa escola esse tabu, o que vai gerando um sofrimento.*

Entende-se, então, que a sexualidade é uma construção pessoal que é influenciada pelo meio social e cultural que fazem parte da construção e vivência da sexualidade, e também se encontra presente na escola.

Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas (ALTMANN, 2001, p. 575).

De acordo com a LDB, o desenvolvimento da criança na educação tem como finalidade trabalhar aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade, nas habilidades e a formação de atitudes e valores. A psicologia, no que tange a educação, torna-se mais específica para desenvolver seu trabalho, pois "dado o caráter sobretudo preventivo da atuação do psicólogo escolar, essa orientação

(psicológica) merece tanto ou mais cuidado do que qualquer outra, pois tem como meta principal o ajustamento do indivíduo" (NOVAES, 1980, p. 24).

Diante disso é possível identificar a importância da Psicologia Escolar, para um apoio dos professores no que diz respeito a um ponto de vista ético e contextualizado da sexualidade, o psicólogo se torna um mediador para apoiar tais discussões no ambiente escolar. Deste modo, Antunes afirma:

A ação do psicólogo escolar deve pautar-se no domínio do referencial teórico da psicologia, mediatizando necessariamente por conhecimentos que são próprios do campo educativo e das áreas de conhecimentos correlatas (2008, p. 474).

O psicólogo no ambiente escolar deve apoiar à discussão da diversidade sexual, através de direcionamentos as concepções e posicionamentos dos professores ao se deparar com experiências de discriminação e sexualidade por parte dos alunos, através de discussões que visem à promoção e garantia dos Direitos Humanos, que devem ser pautados numa perspectiva ético-político de sexualidade e educação inclusiva. (ALBUQUERQUE et al., 20016, p.59).

De acordo com o PCN (2011, p. 300), as escolas que realizam a discussão sobre orientação sexual, possuem resultados positivos em relação aos alunos, sendo eles: "aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos".

As demonstrações da sexualidade nos adolescentes também passam a serem assuntos de reflexão, ao invés de causar medo, angústia e agressão. Por isso, torna-se importante a discussão da orientação sexual no contexto escolar, o que anteriormente era tabu para os alunos, passa a ser conhecimento e fator de proteção.

## **7 Considerações finais**

A partir do grupo focal realizado foi possível perceber que há um interesse e também curiosidade dos professores para discutir a diversidade sexual no contexto escolar, visto que essa discussão é pouco explorada, embora seja um assunto presente nesse contexto. Percebe-se que a sexualidade ainda é vista de modo geral como um tabu a ser discutido, tanto no ambiente escolar como no familiar.

Com base nos resultados obtidos, verificou-se que essa discussão deve ser explorada no contexto familiar, visto que é na família que costumeiramente se adquirem as primeiras formações, ou seja, não se deve esperar que essa discussão venha ocorrer somente na escola.

Diante do contexto teórico explorado nesta pesquisa, foi possível notar que a adolescência é um período de transição na vida do indivíduo, com alterações biopsicossociais, uma vez que as mudanças geram uma interação do ser humano com o ambiente que vai sendo moldada de acordo com a sua vivência.

A sexualidade assume diversas formas de expressão que se relacionam à vida social do ser humano, não se limitando apenas ao biológico. Então, no que se refere ao contexto escolar, o debate sobre sexualidade deve estar em crescimento, expandindo-se para além do contexto biológico, considerando especialmente sua dimensão cultural.

A partir do viés religioso da instituição, é possível verificar através dos discursos de alguns professores que eles se sentem limitados para abordar o tema da sexualidade dentro da sala de aula, mesmo que tenham o conhecimento de que tal assunto perpasse as fronteiras biológicas.

De tal modo não se pode afirmar que exista um preconceito institucional em relação às discussões da diversidade sexual, visto que essa perspectiva por vezes preconceituosa sobre a temática da diversidade sexual atravessa a sociedade, em seus diferentes contextos, conforme abordado ao longo desse estudo.

Atendendo ao objetivo geral da pesquisa, foi possível compreender de que forma a diversidade sexual é abordada no ensino médio de uma instituição

privada. De acordo com as análises dos educadores esse tema não é abordado diretamente com os alunos, vez ou outra surge uma dúvida em alguma disciplina e eles procuram ser o mais neutro possível em suas respostas, ou até mesmo levar alguns artigos científicos de acordo com uma participante.

Segundo os educadores, abordar esse tema não é algo tão simples, pois o mesmo envolve diversas questões, dentre elas a falta de apoio da escola, a falta de apoio familiar e por último o preparo insuficiente desses profissionais, tudo isso tendo como plano de fundo o preconceito social diante do assunto.

Os resultados desta pesquisa demonstraram que, segundo os participantes, existe uma falta na formação do profissional para uma maior abrangência do assunto na sala de aula. Esse entrave pode ser solucionado a partir de um grupo de formação para os professores, com profissionais da área que venham a esclarecer suas dúvidas através da troca de experiências e de embasamentos teóricos.

Foi possível identificar ainda uma aceitação dos educadores para discutir a diversidade sexual no contexto escolar a partir do grupo focal, mostrando assim o interesse dos mesmos para tentar compreender de alguma maneira essa temática, e o desejo de enriquecer essa discussão quando ela surgir na sala de aula.

Sugere-se ainda, como trabalho futuro, ampliar essa pesquisa para professores do ensino fundamental, os quais também, por vezes, precisam lidar com a temática da sexualidade e diversidade sexual com os alunos mais novos. Além disso, seria importante investigar a perspectiva que os pais dos alunos tem a esse respeito e também os próprios alunos, tendo, finalmente, um panorama geral daquele contexto escolar específico. Tendo um levantamento do perfil dos professores, dos pais e dos alunos de toda a escola, seria possível, portanto, traçar estratégias de intervenção para superar os entraves percebidos.

Diante disto, é possível afirmar que o psicólogo juntamente com o corpo docente da instituição deve articular ações e intervenções que promovam o debate de orientação sexual de forma saudável, a fim de amenizar as tensões

com a questão da sexualidade. Isso demonstra a importância do educador, pois ele como parte ativa desse processo também está para auxiliar e mediar os conflitos que surgem dentro da sala de aula. Trazendo então, a discussão da diversidade sexual para a educação básica, especialmente no ensino médio, está se considerando não somente a naturalidade do assunto, mas especialmente a promoção da cidadania, uma vez que a livre expressão da orientação sexual é um direito de todos.

## Referências

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ADOLESCÊNCIA E SAÚDE: Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, v. 2, n. 2, jun. 2005. Trimestral. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)>. Acesso em: 20 out. 2017.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. vol. 94 (236), p. 299-322, 2013.
- ALBUQUERQUE, S.R.L.O. et al. Sexualidade e gênero na educação: contexto escolar em Maceió e a adaptação às novas demandas. *Periódicos*, Alagoas, v.3, n.3, p.51-68, 2016. Disponível em <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/3589/2292>> acesso em 01 de maio de 2018.
- ALVES, Manoel. **A histórica contribuição do ensino privado no Brasil**. Educação, v. 32, n. 1, 2009.
- BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S. **Projetos de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. S. **Fundamentos de metodologia científica**: uma guia para a iniciação científica. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BAUMAN, Z. (2001). **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1987.
- BORGES, C. e TARDIF, M. (2001). **Apresentação. Educação e Sociedade**, 22(74), p. 11-26.
- BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.) **Homofobia e educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p. 15-46.
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. 2012. 117 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas da Puc-rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Cap. 2.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério de Educação/Câmara de Educação Básica CNE/CEB Nº:5/2011.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. **Norma Operacional Nº 001/2013**.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução Nº 466, de dezembro de 2012**.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Adolescência**: Normalidade e Psicopatologia. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARVALHO, Laiz Barbosa de. **Mini dicionário Larousse da língua portuguesa**. São Paulo: Fernanda Cardoso, 2009.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO. Congresso. Senado. Constituição (1988). **da Educação, da Cultura e do Desporto**: SEÇÃO I Da Educação. Brasília, DF, Disponível em: <[http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/01\\_02\\_2010\\_13.39.05.85b72235f860536bcb82c3463914f15d.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/01_02_2010_13.39.05.85b72235f860536bcb82c3463914f15d.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2017.

BRITZMANN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 85-111.

FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula Batista. Adolescências... Adolescentes.. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 32, p. 141-162, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1**: a vontade de saber. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

JESUS, Beto de et. al. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. São Paulo: Ecos, Corsa, 2006.

- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2017.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.
- LELIS, D.M.G. NASCIMENTO, F.S. **O ensino religioso em duas escolas confessionais de João Pessoa na Paraíba – uma análise de causa entre a teoria e a prática**. In: V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade” Anais. v. 05. 2015, p. GT0104
- LERVOLINO; PELICIONI. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USO**. v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.
- LOURO, Guacira. **“Gênero, sexualidade e educação”**. In: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARCONI, M.de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas**. 227f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru - SP, 2003.
- MARTINS, Ives Gandra. **Uma Visão do Mundo Contemporâneo**. Disponível em: <[http://www.gandramartins.adv.br/project/ives-gandra/public/uploads/2015/01/09/446f880uma\\_visao\\_do\\_mundo\\_contemporaneo\\_\\_versao\\_final\\_03122013.pdf](http://www.gandramartins.adv.br/project/ives-gandra/public/uploads/2015/01/09/446f880uma_visao_do_mundo_contemporaneo__versao_final_03122013.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2017
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Orientação Sexual**. 2011.
- MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria.(orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes (2012).
- NISKIER, A. **LDB: a nova base da educação nacional: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.
- NOVAES, M. H. - **Psicologia escolar**. Petrópolis. Vozes Ed. 1980.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. (1992). **Evolução psíquica da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Movimento.
- PEREIRA, AC.A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harba. 2005.

PEREZ GOMEZ, A.I. (2001). **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artes Médicas.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F.V. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. (Preconceitos; v.05).

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Rev. NUFEN**, São Paulo , v. 5, n. 1, p. 12-25, 2013 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912013000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003) >. acesso em 01 maio 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade**. 20 (2), p.71-99, 1995.

SCOTT, Joan. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livro, 2010.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, Ouro Preto - MG: UFOP, 2010.

GLOBO EDUCAÇÃO. Diversidade Sexual na Escola. **Youtube**, 04 jun. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CKcFSD-Sx4o>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Declaração de Instituição Participante



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**  
 Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016  
 ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

**Colégio ULBRA de Palmas****DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_ assinado,  
 responsável pela instituição  
 \_\_\_\_\_, participante no  
 projeto de pesquisa intitulado: “Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos  
 no ensino médio da rede privada de educação de Palmas – TO” que está  
 sendo proposto pelo pesquisador Hudson Eygo Soares Mota, vinculado ao  
 Centro Universitário Luterano de Palmas, declaro ter lido e concordar com a  
 proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas  
 Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução  
 CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas co-  
 responsabilidade e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-  
 estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia  
 a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e  
 proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE B - Declaração do Pesquisador Responsável



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**  
 Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016  
 ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

**DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

Eu, Hudson Eygo Soares Mota, abaixo assinado, pesquisador responsável envolvido no projeto intitulado: “Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio da rede particular de educação de Palmas – TO”, **DECLARO** estar ciente de todos os detalhes inerentes a pesquisa e **COMPROMETO-ME** a acompanhar todo o processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. **COMPROMETO-ME** também à anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais. Por fim, **ASSEGURO** que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_

Nome completo e por extenso

Prof. Esp. Hudson Eygo Soares Mota

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

## APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**  
Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio da rede privada de educação de Palmas – TO. O motivo que nos leva a estudar o problema é poder compreender como a diversidade sexual é abordada em séries do ensino médio na rede privada de educação de Palmas – TO. Os procedimentos de coleta de dados se darão por meio da realização de Grupo Focal para discussão do tema. Tal grupo baseia-se em entrevistas coletivas, onde o pesquisador interage com os participantes direcionando as perguntas conforme o objetivo da pesquisa. Existe um desconforto e o risco mínimo para você se submeter à coleta do material. Os riscos podem acontecer nas dimensões psíquicas e culturais dos docentes participantes do grupo. Os conteúdos trabalhados pela estrutura do grupo focal e pelo tema podem causar certa ansiedade e um possível constrangimento. Porém caso ocorra algum desses problemas o Núcleo de Atendimento a Comunidade, que faz parte do Ceulp-Ulbra oferecerá os serviços de psicologia para auxílio psicológico e demais aspectos que forem necessários. Haverá também a possibilidade de benefícios, que podem ser colocados nos aspectos psíquicos, morais, sociais e culturais do indivíduo que participará da pesquisa, tais como: maior conhecimento de si mesmo sobre a função de abordar conteúdos relacionados à diversidade sexual, a fim de proporcionar melhorias nas relações do aluno dentro e fora do contexto escolar facilitando o processo de aceitação, empatia e respeito das diferenças. Benefícios estes que podem ser aproveitados durante e depois da participação na pesquisa. Você será esclarecido sobre a

pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia do CEULP-UIbra e outra será fornecida a você.

#### CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR

EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. No caso você sofrer algum dano decorrente dessa pesquisa será ressarcida pela pesquisadora.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura da Testemunha

## APÊNDICE D – Entrevista Semiestruturada

### **ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### Informações básicas dos participantes

- Nome
- Idade
- Sexo
- Disciplinas que ministra na instituição?
- Há quanto tempo ministra tais disciplinas?

Apresentação do (vídeo) o vídeo “Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola”, seguido das perguntas:

1. Você já teve contato anteriormente com esse vídeo? Onde?
2. De acordo com o vídeo assistido, “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”

## APÊNDICE E – Roteiro de Observação

### **ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

- Observação das habilidades dos participantes na apresentação de ideias;
- Pertinência dos discursos apresentados em relação ao tema proposto;
- Desempenho do participante em discutir o tema;

## Apêndice F



Apêndice G

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio em instituição de ensino privada de Palmas ¿ TO.

**Pesquisador:** Hudson Eygo Soares Mota

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 79958217.2.0000.5516

**Instituição Proponente:** Centro Universitário Luterano de Palmas - ULBRA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.400.748

**Apresentação do Projeto:**

Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio em instituição de ensino privada de Palmas – TO.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PALMAS, 27 de Novembro de 2017.

---

**Assinado por: MÁRCIA MESQUITA VIEIRA**

**(Coordenador)**